

Entrevista com Marcelo Manzatti

Marcelo Manzatti é mestre em Ciências Sociais e autor da dissertação de mestrado “Samba Paulista, do centro cafeeiro à periferia do centro: estudo sobre o Samba de Bumbo ou Samba Rural Paulista”.

O que é samba rural e quais são suas características? O samba vive no interior paulista?

O samba rural apareceu no século XIX, nas fazendas de café no Oeste paulista, ali na região de Campinas. São Paulo foi o lugar do Brasil onde mais teve concentração de escravos; alguns lugares chegavam a ter 600 deles. Então o ambiente era propício a essas manifestações culturais e festas. Com a decadência cafeeira e a industrialização paulista, muitas pessoas vieram do interior para a capital e foram morar na periferia da cidade. Naquela época, periferia era a Zona Norte, onde até hoje há a maior concentração de escolas de samba. O samba de bumbo, também conhecido como samba rural, foi trazido para bairros como a Freguesia do Ó, a Barra Funda...

Hoje em dia há grupos que ainda estudam e praticam essa matriz do samba paulista. Estão espalhados na capital, em Pirapora do Bom Jesus, em Vinhedo, Santana do Parnaíba, Campinas.

Qual é a diferença do samba e do carnaval paulista para o carnaval de outros lugares do Brasil?

O Carnaval no Brasil tem várias matrizes (europeias, africanas) e em diversos momentos e lugares ele assumiu características diferentes. Há um tipo de carnaval no Rio, outro em Pernambuco, outro tipo baiano e São Paulo também teve o seu próprio carnaval. No começo do século passado, nas décadas de 1910 e 1920, era muito popular por aqui o carnaval dos cordões, em forma de cortejo, de bloco, com o samba de bumbo. Só depois, perto dos anos 1960 e 1970, que São Paulo adaptou o seu modelo ao modelo do Rio de Janeiro.

Por que isso aconteceu?

Nessa época, mestres como o Seu Nenê da Vila Matilde trouxeram para os blocos a influência do Rio: outro jeito de bater o tambor, de desfilar. Foram esses blocos que acabaram se tornando as primeiras escolas de samba. Em 1965, o prefeito de São Paulo era o José Vicente Faria Lima, um carioca. Quando o Seu Nenê e outros mestres foram até ele pedir ajuda financeira para fazer o carnaval de São Paulo, ele disse que ajudaria desde que os blocos se organizassem, e entregou para eles o Estatuto das Escolas de Samba do Rio. Assim o carnaval de São Paulo foi perdendo as suas características: os instrumentos foram trocados, não era mais porta estandarte nem fila indiana, não se usava mais baliza.

O Carnaval é uma festa popular. O que significa os paulistanos estarem saindo novamente para as ruas, retomando os carnavais antigos e ocupando a cidade?

Esse ressurgimento dos blocos em São Paulo se deve a vários fatores. Há um esgotamento das escolas de samba, por exemplo. Esses sambas de terreiro que nasceram nas periferias paulistanas, tipo o Samba da Vela, são um reflexo disso. São artistas, compositores que não encontravam na escola de samba espaço para desovar a sua produção.

As escolas de samba seguem a lógica do espetáculo, do mercado, da competição. Muita gente que não gosta desse espetáculo profissionalizado vai para o bloco curtir o carnaval, onde as regras são mais frouxas.

Esses blocos de marchinhas existem no Rio de Janeiro, mas foram inspirados no carnaval de São Luiz do Paraitinga, que faz isso há mais de 20 anos. Quando aconteceram as enchentes que destruíram o centro histórico da cidade, em 2010, o carnaval foi transferido temporariamente para São Paulo. E aí algumas pessoas tomaram gosto pela coisa.

Outro fator que contribui é que há alguns anos a legislação era muito rígida com manifestações e ocupações das ruas em São Paulo. Agora há um diálogo para organizar tudo isso.